



## 2.20 • Nacionalismos e separatismos

### Nacionalismos e separatismos no Sudeste Asiático

Nuno Canas Mendes

REGIÃO HISTORICAMENTE fragmentada e com uma pesada herança pós-colonial no que diz respeito a nacionalismos e separatismos, com uma plétora de motivações já estudadas (culturais, religiosas, económicas), os Estados do Sudeste Asiático abrigam alguns movimentos nacionalistas e secessionistas que merecem uma atenção especial: 1) Aceh, Irian Jaya e Molucas na Indonésia; 2) Mindanao nas Filipinas; 3) Patani na Tailândia; 4) Arakan, Chin, Kachin, Karen, Shan e Wa no Myanmar.

#### Aceh, Irian Jaya e Molucas na Indonésia

**Aceb:** A paz foi alcançada em 2005, na sequência do tsunami de 2004 e em 2006 realizaram-se as primeiras eleições que consolidaram o acordo e foi eleito como governador o líder do Gerakan Aceh Merdeka (GAM), Irwandi Yusuf. Em 2007 seria fundado o Partido GAM, formalizando pela integração no sistema o movimento separatista, o qual causou alguma perturbação em Jacarta, que viu na designação uma provocação à natureza 'unitária' do Estado e alteraram para Partai Aceh (PA); mesmo assim surgiu a ideia de que a existência do partido não faria senão perpetuar o conflito por via eleitoral. O acordo concedia uma autonomia especial e estabelecia o desarmamento do GAM e a retirada das forças de segurança 'não-nativas' (permanecendo 25.000 soldados).

As eleições provinciais realizadas em 2009 revelaram-se pacíficas (votando 75,31% dos acehneses), com uma vitória esmagadora para o PA, com 46,91% dos votos. Em 2013, o governo provincial adoptou a bandeira do GAM, facto que se revelou controverso e esteve na origem de preocupações de Jacarta com os efeitos sobre Irian Jaya.

**Irian Jaya:** Com uma autonomia especial atribuída em 2001, foi dividida em 2003 em três províncias, a Papua Ocidental, Irian Jaya Central e a Papua, mas

posteriormente esta divisão foi declarada inconstitucional e a divisão apenas vingou entre Papua Ocidental e Papua. O *Organisasa Papua Mendeka* – OPM continuou a promover, reiteradamente, ataques contra as forças de segurança.

**Molucas:** Entre 1999-2002 assistiu-se a um aumento da tensão entre as comunidades cristã e muçulmana, que culmina num período de transição entre os vinte anos de luta separatista (1950-1970) e o fortalecimento de um confronto intercomunitário, que já não tem a mesma natureza nacionalista inicial e é agora o resultado do impacto da *transmigração*, na sua maioria javaneses e muçulmanos, que transformou os cristãos numa minoria.

“  
O Abu Sayyaf tem muitas ligações a FMLN e à FILM, em boa parte determinadas por relações de parentesco ou lealdades étnicas.  
”

Em 1999 foi criada a província das Molucas do Norte, e a situação de confronto entre os dois grupos esteve na origem de meio milhão de deslocados e de uma intervenção de catorze mil homens das Forças armadas indonésias. Em 2000 foi criada, em Ambon, a Front Kedaulatan Maluku (Frente de Soberania das Molucas, FKM), que promoveu, entre as suas actividades, hastear a bandeira da República das Molucas do Sul, movimento secessionista que fez uma tentativa de proclamação de independência em 1950 (activa depois de 1970, mas na diáspora). Estava em causa, para a FKM

a ideia de uma independência não-muçulmana. Entretanto, surgiu uma milícia islâmica, a Laskar Jihad, cujo objectivo era promover uma limpeza étnica dos cristãos e que promoveu uma série de distúrbios e confrontos com a polícia e as forças armadas. Desde 2001 que os cristãos são as principais vítimas, com relatos de conversão forçada; as forças de segurança tiveram um papel particularmente ineficiente, incluindo a venda de armas a ambas as comunidades, com a violência a subir em 2004.

#### Mindanao nas Filipinas

Em Março de 2014 o Governo das Filipinas assinou um acordo de paz com os rebeldes da Moro Islamic Liberation Front (MILF) de Mindanao, que lutam pela autodeterminação há mais de 40 anos. O acordo, conseguido em Outubro de 2012, garante os direitos dos muçulmanos e não-muçulmanos, e dá à maior parte das áreas de Mindanao uma maior autonomia política em troca da deposição das armas. Esta autonomia consubstanciou-se na criação da região de Bangsamoro, dando maior poder político à MILF. Esta região substituiu a Região Autónoma do Mindanao Muçulmano (ARMM), criada em 1989 e dotada de um governo próprio. Moeda, correios, defesa e política externa mantêm-se na competência do governo central. Vale a pena recordar que a região em causa é rica em minerais, petróleo e gás natural e que um plebiscito, a realizar durante 2015, definirá os seus limites.

Outros grupos rebeldes, pan-asiáticos islâmicos, comunistas, mercenários de raptos e milícias, permanecem apostados em lutar pela total independência da região. O conflito causou dezenas de milhares de mortos e desde 2003 deslocou cerca de três milhões e meio de pessoas. Uma facção do MILF, designada Movimento Islâmico de Libertação Bangsamoro (Bangsamoro Islamic Freedom Move-



Focos de tensão na Indonésia (separações religiosas e seccionismos).

Fonte: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/762291/Resisting-Disintegration-in-Post-Suharto-Indonesia-Year-In-Review-2001>.

ment – BIFM), manifestou a sua intenção de continuar o combate apesar do acordo. Alguns clãs, cujas práticas de violências são um dado de facto, que controlam certas áreas, viram neste novo formato uma ameaça à sua influência. A presença das forças armadas e o confronto com as forças rebeldes têm estado associados às disputas entre clãs e à deslocação de populações. De referir ainda os ‘Comandos Perdidos’, unidades de insurgentes ou de ex-militares que já não estão sob o controlo dos seus superiores e que vivem do banditismo e dos raptos (Pentagon Gang e Abu Sofia são os mais conhecidos).

A Frente Moro de Libertação Nacional (FMLN), apoiantes de Misuari, governador da região autónoma de Mindanao muçulmano, rompeu o cessar-fogo em 2001, atacando uma base das forças armadas em Jolo, Sulu, depois do acordo de paz alcançado em 1996 durante a presidência de Fidel Ramos. O líder rebelde foi capturado na Malásia e desde então, apesar da integração dos rebeldes nas estruturas da região autónoma, persiste a queixa de que o governo não cumpriu a promessa de desenvolvimento económico do sul da ilha. A FMLN opôs-se à assinatura do acordo de Bangsamoro entre o governo e a Frente Islâmica de Libertação Moro (FILM), uma facção da FMLN, mais militante e enfatizando uma interpretação mais tradicional do Islão, a qual foi fundada por Salamat Hashim, que em 1996 tinha conseguido congregar doze mil combatentes nos campos de Mindanao (actualmente conta com cerca de dez a quinze mil efectivos). Em negociações com o governo, chegaram a um acordo de cessar-fogo em 1997, interrompido três anos mais tarde, dando origem a uma deslocação de 1 milhão de pessoas. No ano seguinte, Gloria Arroyo restabeleceu o cessar-fogo mas por pouco tempo, após o ataque das forças governamentais à sede da FILM em Buliok, Maguindanao, dando origem à deslocação de mais 500.000 pessoas. Em 2003 restabeleceu-se o cessar-fogo, mas as negociações abortaram em 2006 até que, em 2008, o governo chegou a um acordo com a FILM de expansão da região muçulmana e de atribuição de poderes políticos e económicos mais amplos a um governo próprio, decisão que foi travada pelo Supremo Tribunal na sequência da queixa dos políticos católicos, por não terem sido consultados. Daqui resultaram novos ataques e nova vaga de refugiados, até ao momento em que Manila propôs novo acordo, reforçado em 2014.

O Abu Sayyaf (AS) foi fundado em 1990-91 por membros da FMLN descontentes com as medidas de Misuari no sentido de uma resolução pacífica do conflito. Para além do seu objectivo de criar um Estado independente islâmico, têm projectos mais amplos de formação de um super-Estado pan-islâmico no Sudeste Asiático.

Tem tido uma acção particularmente mortífera e com ligações à Al-Qaeda e à Jemaah Islamiyah e está sediado nas ilhas de Basilan e Jolo, ao largo de Mindanao. Tendo começado com pequenos ataques, o AS passou rapidamente para raptos e assassinatos de estrangeiros. A sua primeira acção em larga escala foi o ataque à localidade de Ipil em Abril de 1995; em 1997, o U. S. Department

of State classificou o AS como uma ‘organização terrorista estrangeira’. As suas principais fontes de financiamento são os pedidos de resgate e a extorsão. As Forças armadas filipinas têm tentado expulsar os rebeldes de Jolo e muitos dos líderes séniores foram capturados ou mortos. O AS tem muitas ligações à FMLN e à FILM, em boa parte determinadas por relações de parentesco ou lealdades étnicas.

### Patani, Tailândia

A presença de forças (mais de 150 mil militares, polícias e forças armadas) nas três províncias do sul da Tailândia, Patani, Yala e Narathiwat (com 80% da população a professar o Islão e culturalmente malaio), é considerável, com patrulhamento de explosivos improvisados, que em tempos foram usados em Yala com efeitos devastadores. A Frente Revolucionária Nacional Patani (Barisan Revolusi Nasional, BRN, fundado em 1963 e fundindo nacionalismo, socialismo e islamismo) pugna pela independência da região e recorre à guerrilha e ao terrorismo urbano como formas de actuação. Professando o Islão sunita, assumindo uma jihad contra o Estado tailandês e rejeitando ligações à al-Qaeda e reacendeu o conflito em 2004. Apesar dos custos humanos de uma década de conflito de baixa intensidade, o comércio floresce. Nas escolas persiste o uso do tailandês, o que cria constrangimentos para a maioria da população, de língua malaia, e está na origem do assassinato de professores pelo braço armado da BRN. Nos finais de 2013, a BRN tentou negociar com o governo da primeira-ministra deposta, Yingluck Shinawatra, mas a instabilidade política na Tailândia e o golpe militar de 22 de Maio de 2014 diminuíram as hipóteses de um acordo.

### Arakan, Chin, Kachin, Karen, Shan e Wa no Myanmar

Os vários grupos étnicos não-birmaneses (arakan, chin, shan, karen, kachin, mon e wa) têm os seus próprios estados, onde são dominantes, apesar de minoritários face aos birmaneses (cerca de dois terços da população). Todos eles desenvolvem actividades de insurreição com intensidades diversas contra as forças armadas (os Tatmadaw), os quais aplicam uma estratégia de contra-insurreição de forma a impedir o acesso aos alimentos, a financiamento, informação e recrutas.

A política do governo central, caracterizada pelos abusos constantes contra os direitos humanos e o empobrecimento, tem estado na origem da fuga deste grupos para os países vizinhos (Tailândia, China, Índia e Bangladesh) ou na selva, no próprio país. Os grupos mais activos na defesa dos direitos étnicos, do federalismo e da democracia são os arakans (com um Exército de Libertação Arakan e um Exército *Arakan*), os *chins* (com um exército chin), os *kachins* (com um Exército para a Independência kachin), os *shans* (com o Exército de Independência Kachin, o Exército Unido do Estado Wa, o Exército Nacional da Aliança Democrática Nacional, o Exército do Estado Shan, o Exército do Estado Shan-Norte, o Exército Nacional Wa, o Exército da Aliança Democrática Nacional do Myanmar, a Frente Democrática Lahu, a Frente de Libertação do Estado Palaung e o Exército de Libertação dos Povos Pa’O),

os *karens* (com a Organização de Defesa Nacional Karen, o Exército de Libertação Nacional Karen e o Exército Budista Democrático Karen). Dentro do Estado arakan e em conflito com os arakans (budistas), o Exército Nacional Rohingya está a lutar contra o regime na defesa dos seus direitos religiosos (são muçulmanos) e no reconhecimento dos rohingyas como grupo étnico.

Os *Was* são os mais bem armados e poderosos, organizados num Exército Unido do Estado Wa, com cerca de trinta mil homens que actuam nas montanhas da fronteira nordeste com a China e dedicados ao tráfico de droga. Em Julho de 2013 assinaram um acordo de cessar-fogo com o governo. Em 2012 a paz foi estabelecida com os *karens* e no ano anterior com os *shans*. De sublinhar, que os *shans* e os *kachins* são grandes produtores de ópio. ■



Divisão étnica do Myanmar.

Fonte: <http://www.oxfordburmaalliance.org/ethnic-groups.html>.

### Referências

- JACQUES BERTRAND (2004) – *Nationalism and Ethnic Conflict in Indonesia*, Cambridge: Cambridge University Press.
- JEAN PIERRE CABESTAN & ALEKSANDAR PAVKOVIC (2013) – *Secessionism and Separatism in Europe and Asia, To Have a State of One's Own*, London: Routledge.
- LAWRENCE E. CLINE (2009) – *Insurgency in Amber: ethnic opposition groups in Myanmar*, in *Small Wars and Insurgencies*.
- BEN HILLMAN (2012) – *Ethnic Politics and local political parties in Indonesia*, in *Asian Ethnicity*.
- IAN HOLLIDAY – *Ethnicity and Democracy in Myanmar*, *Asian Journal of Political Science*, 18:2, 111-121.
- EDWARD ASPINALL & MARK T. BERGER (2001) – *The break-up of Indonesia? Nationalism after decolonisation and the limits of the nation-state in post-Cold War Southeast Asia*, in *Third World Quarterly*, 22:6, 1003-1024.